

A CASA GOIANA: DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

MARIA DIVA ARAUJO COELHO VAZ  
MARIA HELOÍSA VELOSO E ZÁRATE

MARIA DIVA ARAUJO COELHO VAZ  
MARIA HELOÍSA VELOSO E ZÁRATE

## A CASA GOIANA DOCUMENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

A evolução da casa goiana obedeceu, relativamente, ao esquema genérico do processo de transformações que o espaço de morar apresentou a partir da colonização. Em Goiás, o curto período de abundância do ouro (a mineração decaiu de forma alarmante por volta dos anos 80 do século XVIII) e o acanhado desempenho econômico da pecuária (extensiva) e da agricultura de subsistência não permitiram que os núcleos urbanos atingissem os níveis de consolidação econômica e socioespacial e os investimentos construtivos verificados nas regiões mais prósperas do Brasil.

Assim, em decorrência dessas peculiaridades histórico-sociais, as casas foram aqui adaptadas às limitações presentes no contexto regional – eram modestas construções sem quaisquer traços de erudição. Se no território brasileiro raros foram os solares, em Goiás nenhum foi edificado. Entre os dois tipos – a casa térrea e o sobrado – proliferaram as construções do primeiro grupo tipológico, ao passo que os sobrados foram pouco construídos.

Não foram poucas, porém, as residências urbanas de grandes dimensões – além dos sobrados haviam os casarões de “muitos” cômodos e “muitas” janelas, com telhados altos de dois a quatro planos que se destacavam nos arraiais, vilas e depois cidades de maior desenvolvimento econômico, como Goiás, Pirenópolis, Silvânia, Corumbá de Goiás, Luziânia, Morrinhos e Natividade, por exemplo. Casas confortáveis, com enormes quintais, mas com esquema

de agenciamento espacial muito simples e singelo acabamento: piso de tábuas corridas ou tijolo, forro de madeira (às vezes pintados) ou de tecido, paredes revestidas e pintadas à base de cal, janelas e portas com folhas de escuro (madeira) e guilhotina com placas de mica ou malacacheta, em primeiro momento nenhum requinte arquitetônico. Muitas destas casas possuíam porões (ou seja, eram assobradadas) e junto com os raros sobrados constituíram-se as construções de maior expressividade, nos modestos ambientes urbanos, seja pela dimensão, pela discretíssima ornamentação e pelo acabamento um pouco mais cuidadoso.

As casas térreas de tipologia colonial (aquela já consagrada no Brasil), em Goiás, foram reproduzidas no século XVIII e XIX. Sutis alterações de natureza decorativa passaram a ser anexadas às fachadas destas casas, apenas em fins do século XIX, sem que a organização espacial, as técnicas ou sistemas construtivos fossem substituídos por outros já vigentes nos maiores e prósperos centros urbanos. Entre todos os tipos mencionados, mesmo com as pequenas variações formais impressas pelas circunstâncias regionais<sup>8</sup>, temporais e financeiras, são denominadores comuns, além do partido arquitetônico e dos meios de edificação, o despejamento e a simplicidade das soluções dos espaços domésticos.

A repetição da tipologia em todo território goiano, o aprendizado pela prática da construção, a ausência quase absoluta de inovações essenciais na composição da forma construída e sua permanência através do tempo (quase dois séculos) são indicadores incontestes daquela que se denomina casa tradicional goiana.

O partido predominante tem no quadrado e no retângulo as formas preferenciais, mas nunca regulares, para o agenciamento espacial do corpo da casa urbana. Observa-se que o esquema de setorização e a tendência geométrica permanecem, em qualquer que seja a topografia do terreno, porque o sistema estrutural e as técnicas para construção das paredes assim o permitiam. Nos sítios mais planos esse partido arquitetônico não requeria adequações técnicas e, nos locais de topografia mais acidentada, lançava-se mão dos escalonamentos (recurso muito conhecido e freqüente) com o esteio executado em dimensões diferenciadas, permitindo o nivelamento do piso, quando necessário, e a formação dos porões.

60

A feição da casa goiana resulta do programa de necessidades, e, obviamente, dos meios de edificações disponíveis. Os materiais básicos utilizados se resumem no barro (adobe, taipa de pilão e pau-a-pique), na argila (telhas capa e bica, ladrilhos cerâmicos), na pedra e na madeira (peças estruturais, elementos de acabamento), na argamassa e na cal (nas molduras e pinturas das paredes).

Esses materiais são usados indiscriminadamente tanto nas edificações mais modestas quanto naquelas que possuem portes mais avantajados ou preocupações plásticas mais evidentes.

É possível, ainda, encontrá-los em técnicas construtivas diferentes, associadas em um mesmo edifício, conformando sistemas mistos. Registra-se, por exemplo, a estrutura em gaiola juntamente com

- a taipa nas paredes frontais (às vezes com presença de pedra), o adobe e o pau-a-pique, nas demais - como ocorre na Cidade de Goiás;
- o adobe e o pau-a-pique, sob a presença ou não da estrutura autônoma de madeira - Cidade de Goiás, Silvânia, Jaraguá, Corumbá, Pirenópolis entre outras;
- o adobe (e o adobe associado ao tijolo) e a pedra - como em Taguatinga.
- a pedra nos baldrames, o adobe e/ou pau-a-pique nas paredes em diferentes regiões.

Mas é freqüente, também, a opção por um único sistema construtivo, como na cidade de Natividade em que o adobe é utilizado de maneira preferencial na totalidade do edifício.

Nos núcleos goianos de molde tradicional, a casa é a unidade morfológica geradora do traçado urbano (sempre orgânico) e importante elemento da paisagem urbana. As relações formais que as unidades estabelecem entre si (geminadas ou isoladas) e com o sítio geográfico (topografia e cursos d'água) conferem atributos configurativos e, às vezes, identidade ao local.

Em geral, as casas são geminadas, o que define a relação do edifício com o lote urbano: implantado no limite da rua e sem afastamentos laterais. Situações de exceção podem ser registradas nas cidades goianas, quando, apesar de manter-se as características de formalidade arquitetônica e as mesmas relações com o espaço público, rompe-se com a geminação, adotando também recuos

62

As escadas externas, no passeio público e nos quintais, eram agenciadas para dar acesso ao edifício. No seu interior poucos degraus junto à soleira entre o corredor e a varanda permitiam a articulação, quando o desnível persistia.

Nesse partido arquitetônico, o número de divisões internas alterava-se (sem grandes distinções) conforme a disponibilidade de recursos do proprietário, o programa de atividades e a engenhosidade do construtor. Assim encontravam-se casas de um, dois, três, ou mais lanços, sem a geração de partidos diferenciados, ou de agenciamento espaciais inovadores.

A geometria unitária se altera, chegando a planta ao formato aproximado de L, conforme o agenciamento das áreas vinculadas ao trabalho, localizadas nos chamados puxados. Dos simples apêndices ao corpo principal, estes puxados podem se prolongar, tomando proporções que acabam gerando pátios internos.

A volumetria genérica é sempre definida por prismas, onde, às vezes, predominam a horizontalidade ou, ao contrário, a verticalidade. As situações diferentes ocorrem tanto nas casas térreas como nos sobrados, estando esta relação intimamente ligada à dimensão da testada do lote, principalmente no caso das construções geminadas, ou à utilização de elementos de composição, que podem acentuar uma ou outra direção. Chama atenção a horizontalidade predominante na região Nordeste, uma vez que nas cidades ao Sul os frontispícios, com freqüência, são mais reduzidos.

A volumetria é coroada pelo telhado, que varia de dois planos tradicionais aos múltiplos planos decorrentes do agenciamento dos puxados ou da implantação isolada do edifício.

Na composição das fachadas os vãos exercem papel fundamental, porque são eles que conferem ritmos e contrastes, definidos pelas relações claro-escuro, cheio-vazio e pelos acabamentos mais primorosos. As sobrevergas, venezianas, rótulas e guilhotinas são elementos associados aos vãos e reforçam esta atribuição compositiva que eles exercem. A madeira é o material empregado em todos os componentes até a introdução das molduras em argamassa.

Além dos vãos, os beirais encachorrados, as cimalkas em madeira e depois em massa, as platibandas, as colunas ressaltadas, as molduras de desenhos variados são os principais recursos decorativos.

61

laterais utilizados para implantação de acessos sociais ou de serviços (casos identificados em Corumbá, Jaraguá e Silvânia, entre outros, em construções erigidas a partir do final dos oitocentos).

A adequação formal do edifício e do conjunto deles às circunstâncias da topografia reforça a configuração orgânica desses núcleos. O casario apresenta esta relação harmoniosa com o relevo nos escalonamentos decorrentes da adaptação de cada unidade ao sítio (quando a topografia é mais acentuada) e com os elementos naturais (cursos d'água e elevações) que circundam o assentamento e são integrados ao espaço construído.

## 2.1 Espaço Edificado: a Relação com o Sítio e o Espaço Público

Os recursos naturais que participam da composição paisagística são, com mais constância, os cursos d'água; as elevações podem ou não estar presentes nos assentamentos ou nas imediações. Estes recursos naturais são importantes elementos de qualificação estética do espaço da cidade.

Da relação entre o objeto construído e o meio geográfico surgem os aglomerados urbanos com configurações diferenciadas: mais abertos ou mais fechados, com níveis de tensão variados.

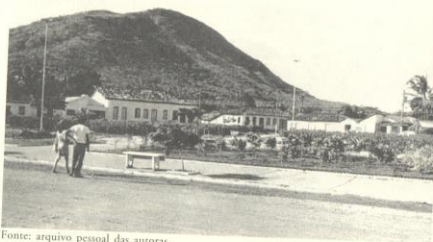
A configuração nos assentamentos é de lugar adensado, dada a proximidade entre as unidades residenciais, a ausência de recuos frontais e mínimos espaços públicos (ruas e passeios estreitos). Além disso, o traçado viário decorre da justaposição das casas e o resultado é uma morfologia urbana de tipo orgânico, sem regularidade geométrica.

A relação dos edifícios com o sítio expressa uma perfeita adaptação aos declives e aclives da topografia e soluções técnicas são adotadas para permitir um diálogo com ele. Um recurso mais particular evidenciado em Corumbá são as plataformas criadas a partir de cortes nos terrenos, que geram o agenciamento de vias e edifícios em níveis distintos nas imediações do largo.

Dessas relações resultam os conjuntos escalonados, com linhas mais definidas e segmentadas. As imagens documentam estas diversas alternativas relacionais e estão organizadas, em seqüência, registrando:

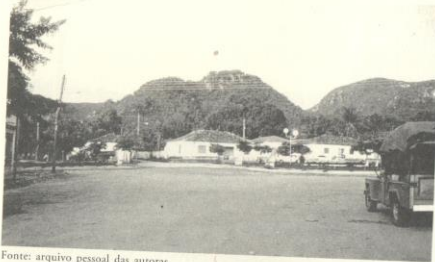
63

FIGURA 46: Monte Alegre



Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 47: Cavalcante



Fonte: arquivo pessoal das autoras

Foi fundada em 1740 [...]. Enquadra-se entre as pequenas povoações, se bem que seja uma das melhores de Goiás, tem aspecto alegre e fica numa região amena; rodeada por montanha, na Serra de São Pedro, outrossa muito aurifera. As ruas são retas e regulares. As casas são térreas, mas rebocadas de argamassa e caiadas. Os tetos são cobertos de telha cozida. Os terrenos cercados diante das casas são plantados com pés de café, bananeiras e laranjeiras [...]. Três igrejas testemunham igualmente a antiga abastança dos habitantes (Pohl, 1976, p.280-281).

FIGURA 48: Goiás



Fonte: disciplinas de Teoria e História da Arquitetura 10

Só se avista a cidade depois de se ter chegado perto dela, pois fica num vale cercado de montanhas. O fundo do vale é acidentado e por isso não se encontra rua direita ou praça plana. Limita-a ao norte a baixa Serra de Santa Bárbara e a contigua Serra do Cantagalo e depois o Morro Cachimbo. A leste o Morro Manuel Gomes, ao sul a encosta da própria cidade. A oeste a região é muito desimpedida; ali principia o seu curso o Rio Vermelho, entre colinas, e ali também está a maior depressão do terreno. [...] A cidade inteira tem cerca de 700 casas, a maioria construída de madeira e barro, de um andar só [...]. Há oito igrejas, mais que o necessário para a reduzida população (Pohl, 1976, p. 140-141).

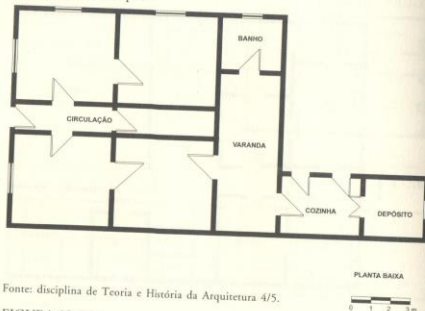
FIGURA 49: Jaraguá



Fonte: arquivo pessoal das autoras

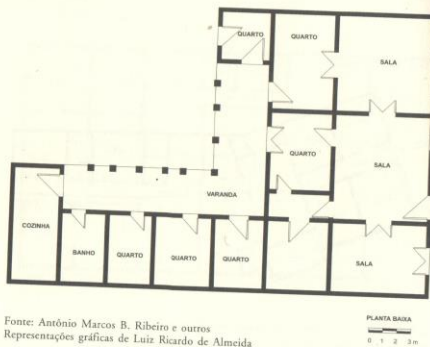
Cérrigo Jaraguá ou simplesmente Jaraguá, como se diz habitualmente na região, é uma capela filial de Meia-Ponte, contando com cerca de dois mil fiéis. O arruial, situado em uma vasta planície coberta de mata, é cercado de montanhas mais ou menos altas, sendo que as mais próximas se erguem quase a pique acima dele, produzindo um belo efeito na paisagem. Jaraguá parece-me quase tão grande quanto Meia-Ponte, mas suas ruas são menos regulares, suas casas menores [...]. Além do mais, há ali apenas duas igrejas (Saint Hilaire, 1975, p. 42-43).

FIGURA 63: Pirenópolis



Fonte: disciplina de Teoria e História da Arquitetura 4/5.

FIGURA 64: Pilar



Fonte: Antônio Marcos B. Ribeiro e outros  
Representações gráficas de Luiz Ricardo de Almeida

FIGURA 65: Jaraguá



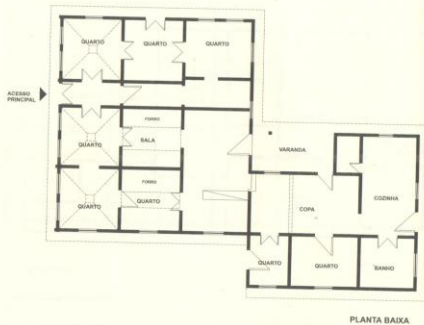
Fonte: INDUR. Goiânia, 1987

FIGURA 66: Jaraguá



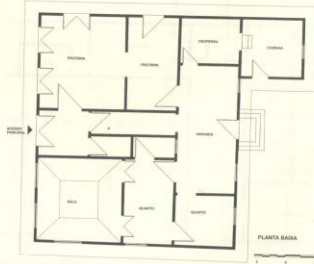
Fonte: INDUR. Goiânia, 1987  
Representações gráficas de Luiz Ricardo de Almeida

FIGURA 67: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

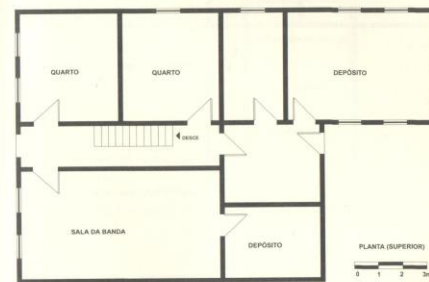
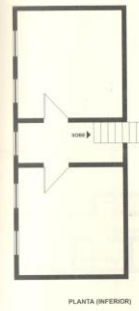
FIGURA 68: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

78 Representações gráficas de Luiz Ricardo de Almeida

FIGURA 69: Corumbá

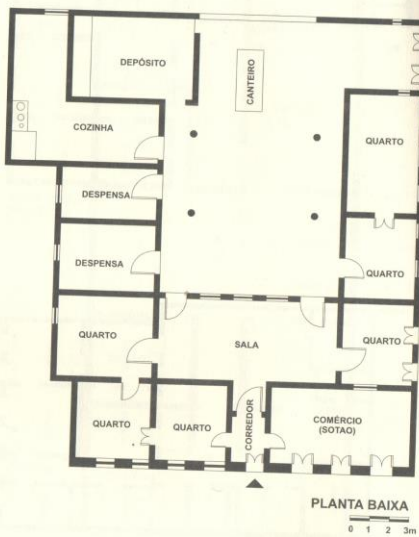


Fonte: EMCIDEC/UCG, Goiânia, 1991

Representações gráficas de Luiz Ricardo de Almeida

79

FIGURA 73: Natividade



Fonte: Maria Diva Araujo Coelho Vaz, 1985

84 Representações gráficas de Luiz Ricardo de Almeida

### 2.3 Composição e Evolução das Fachadas

A documentação fotográfica que se segue busca demonstrar uma das possibilidades de estudo/organização evolutiva da casa tradicional, baseada na volumetria, na distribuição e no tratamento dos vãos e recursos de ornamentação adotados.

Neste estudo toma-se por base o edifício isolado. Nele observa-se a variação geométrica da forma quadrangular, tendendo para a horizontalidade ou verticalidade, dependendo de como se estabelece a relação do edifício com a dimensão da testada do lote. Observa-se, entretanto, que o conjunto de casario é também responsável por acentuar a característica de horizontalidade dessas construções, já que até edifícios com linhas verticais mais evidentes podem vê-las superadas quando observadas no conjunto dos edifícios.

Os vãos, pelo seu desenho e sua distribuição no frontispício, podem também acentuar a predominância geométrica da fachada. No conjunto construído, o tratamento dado a eles contribui para os resultados estéticos do casario, atribuindo características de dinamismo formal, tanto pela sucessão ou alternância como pela ondulação ou movimentação obtida pelo encurvamento das vergas e sobrevergas.

Verifica-se, na fachada, a existência de equilíbrio e regularidade na distribuição dos vãos (portas e janelas). As portas estão localizadas em posição central ou em um dos lados da fachada. Soluções de época mais recente (século XIX e XX) alteram estas possibilidades com nova alternativa e o acesso pode, então, se localizar em um dos recuos laterais. O maior número de portas é encontrado nas fachadas dos edifícios que reúnem atividades comercial e residencial, alterando o equilíbrio entre cheios e vazios nas fachadas dessas casas.

Nelas aparecem desde os vãos bastante simples, e, às vezes, rudimentares, até aqueles que têm uma atribuição compositiva mais efetiva. Neste último caso sobressaem-se os detalhes relativos às sobrevergas, rótulas e guilhotinas e as molduras de elementos variados em massa, além das bandeiras que podem ser evidências de preocupações decorativas maiores.

85

Manifestam também as intenções artísticas: os beirais encorreados, as cimalkhas em massa ou madeira, as beiras-seveiras, as molduras com motivos florais ou geométricos, as pilastras de massa ressaltadas dos planos das paredes, as platibandas etc. Todos estes recursos de ornamentação acabam por denunciar, no seu conjunto, a disponibilidade orçamentária dos proprietários com a casa, a engenhosidade e criatividade do construtor, e, às vezes, o período em que se procederam as obras de construção ou reforma do edifício.

### 2.3.1 Evolução da composição formal – casas térreas

(...)  
*Eu sou estas casas  
 encontradas  
 cacichando umas com as outras*  
 ...  
 Cora Coralina

FIGURA 76: Pirenópolis



86 Fonte: INDUR/SPHAN/SEPLAN, Goiânia, 1982

FIGURA 77: Pirenópolis



Fonte: INDUR/SPHAN/SEPLAN, Goiânia, 1982

FIGURA 78: Goiás



Fonte: INDUR/SPHAN/SEPLAN, Goiânia, 1982

87

FIGURA 83: Monte Alegre



Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 84: Jaraguá



90 Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 85: Luziânia



Fonte: Luís Palacín e Ana Maria Borges, s/d

FIGURA 86: Corumbá



Fonte: EMCIDEC/UCG, Goiânia, 1991

91

FIGURA 91: Luziânia



Fonte: Luís Palacin e Ana Maria Borges, s/d

FIGURA 92: Jaraguá



94 Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 93: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

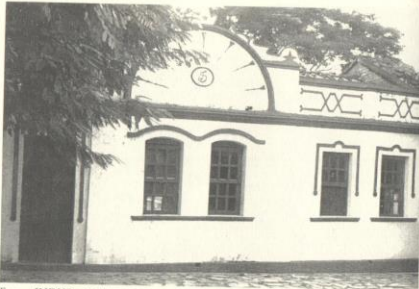
FIGURA 94: Corumbá



Fonte: EMCIDEC/UCG, Goiânia, 1991

95

FIGURA 119: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

108

### 2.3.2 Evolução da composição formal – sobrados

*Eu vivo nas tuas Igrejas  
e sobrados  
e telhados  
e paredes.*

Cora Coralina

FIGURA 120: Corumbá



Fonte: EMCIDEC/UCG, Goiânia, 1991

109

#### 2.4 Pátios e Quintais

As casas tinham suas áreas de serviços complementados pelos quintais e pátios semi-abertos, em formato de U ou L.

Tradicionalmente, as propriedades urbanas reservavam aos espaços posteriores além de pomares as instalações sanitárias mais rudimentares.

Mesmo eliminado este último elemento com a modernização dos sistemas sanitários, aos quintais e pátios são destinadas funções consideradas secundárias e o acesso a eles é exclusivo para as pessoas da casa ou muito próximas ao núcleo familiar.

Assim poucas são as intervenções em favor da sua valorização estética, seja no arranjo compositivo das fachadas posteriores do edifício ou na ordenação do espaço livre.

Os acessos e vãos recebem acabamentos modestos quanto ao enquadramento e vedação de portas e janelas. Em decorrência da declividade natural do terreno, os porões e baldramas se mostram com toda franqueza, e as escadas são formadas em soluções simplificadas, às vezes, muito precárias.

*Diferentes cores  
Quintal rodeado de flores  
Ah, Maravilha*

*O ar de verão  
Esquenta sobras do chão  
Brotou a Sem Vergonha*

*No verde do musgo  
Fintou o buquê pelo muro  
Esse Agarradinho*

*Buganvília  
De flores faz cabeleira  
Na Gameleira*

*Borboleta e Ipê  
As pétalas amarelas  
Simples mimetismo*

Florianita C. B. Campos

114

FIGURA 129: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

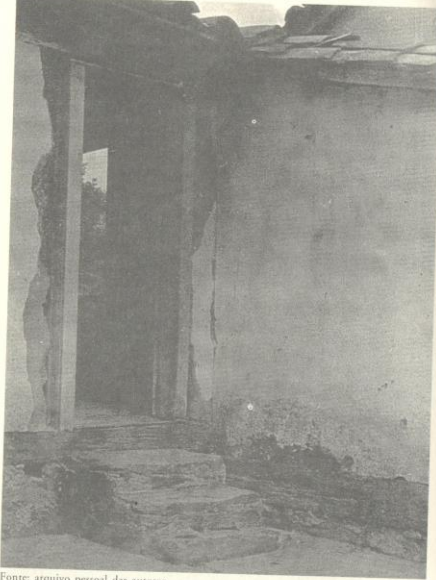
FIGURA 130: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

115

FIGURA 133: Silvânia



Fonte: arquivo pessoal das autoras

*...o velho quintal continua como antes, com suas escravas, seus molequinhos, galinhas, papagaios, jacuiteras, jaboticabeiras, escondidos - por muros altos ou arbustos de vistosa ramagem - da vista do transeunte curioso...*

118

Francisco Salvador Veríssimo e William S. M. Bittar

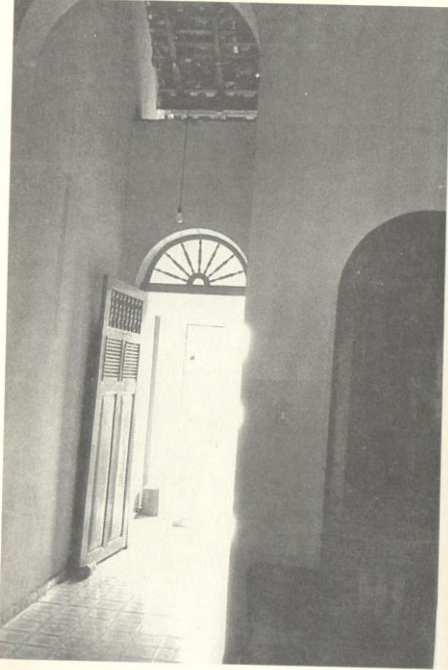
FIGURA 134: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

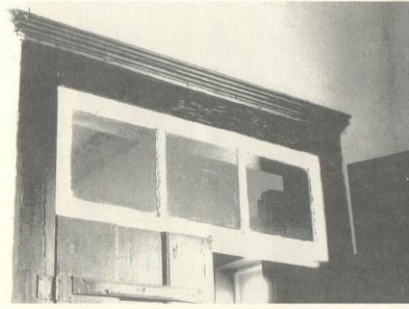
119

FIGURA 140: Taguatinga



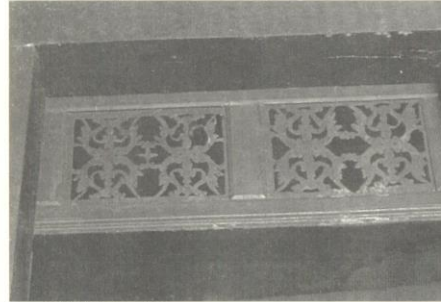
126 Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 141: Silvânia



Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 142: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

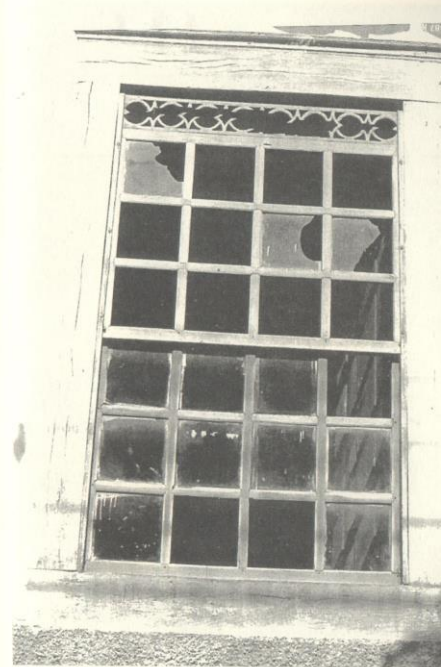
127

FIGURA 149: Pilar



130 Fonte: Antônio Marcos B. Ribeiro e outros, s/d

FIGURA 150: Jaraguá

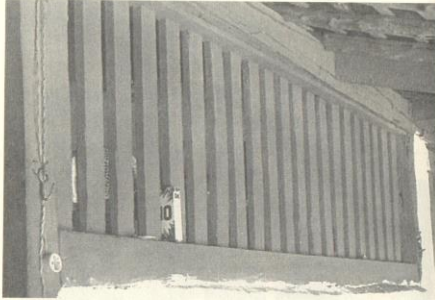


Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

131

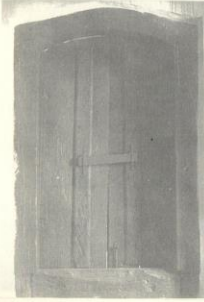


FIGURA 151: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 152: Jaraguá



132 Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 153: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

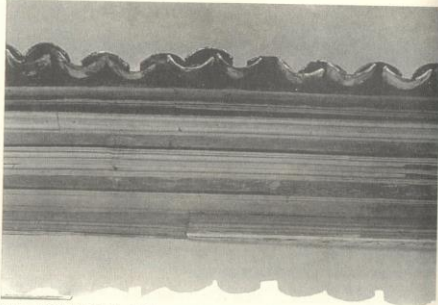
FIGURA 154: Silvânia



Fonte: arquivo pessoal das autoras

133

FIGURA 171: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 172: Corumbá



148 Fonte: disciplina de Teoria e História da Arquitetura 4/5

FIGURA 173: Silvânia



Fonte: arquivo pessoal das autoras

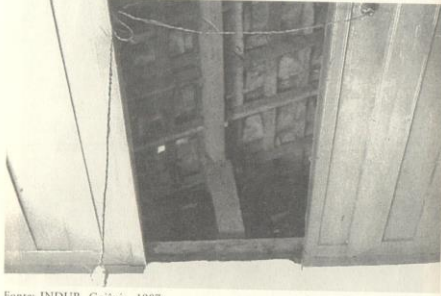
FIGURA 174: Silvânia



Fonte: arquivo pessoal das autoras

149

FIGURA 179: Jaraguá  
Forro de madeira em saia-camisinha no espaço correspondente à cama



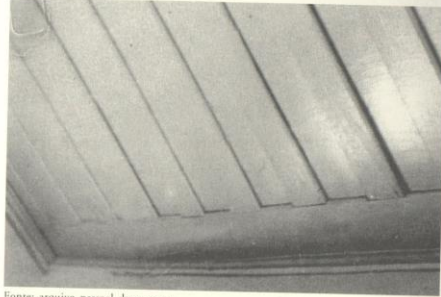
Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 180: Silvânia  
Forro de madeira em saia-camisinha associado ao forro de tecido



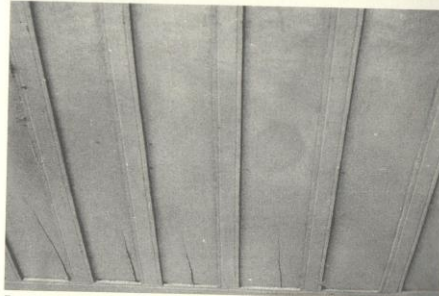
154 Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 181: Silvânia  
Forro em madeira



Fonte: arquivo pessoal das autoras

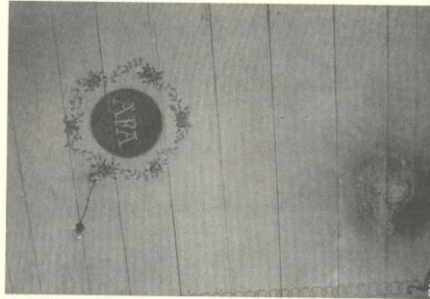
FIGURA 182: Silvânia  
Forro em madeira



Fonte: arquivo pessoal das autoras

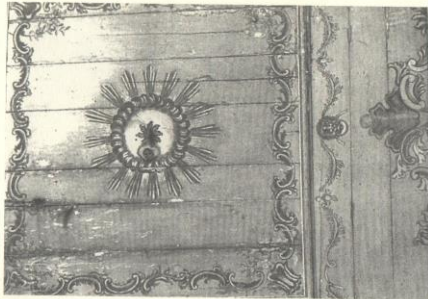
155

FIGURA 183: Jaraguá



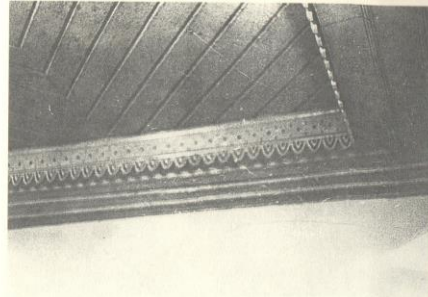
Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 184: Jaraguá



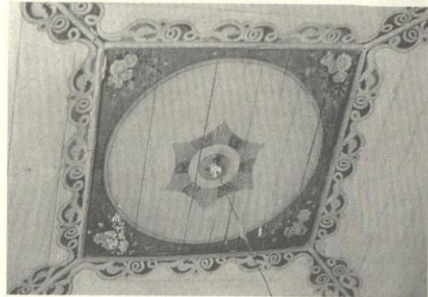
156 Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 185: Pirenópolis



Fonte: arquivo pessoal das autoras

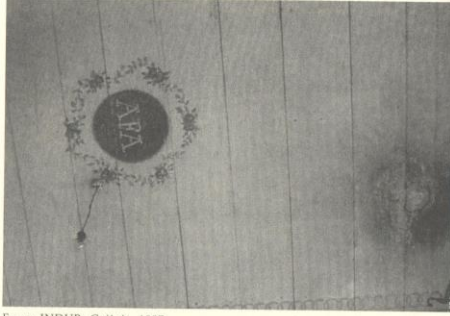
FIGURA 186: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

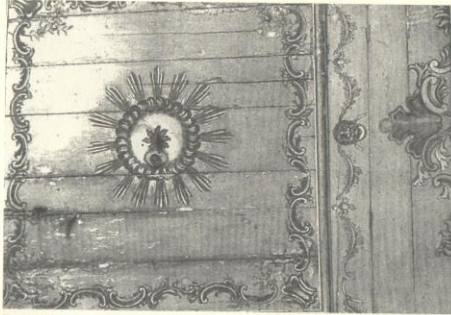
157

FIGURA 183: Jaraguá



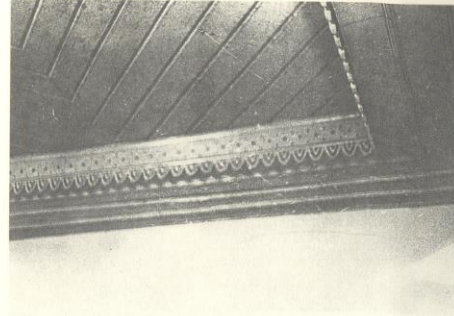
Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 184: Jaraguá



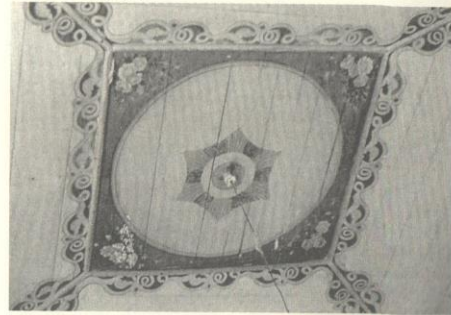
Fonte: INDUR, Goiânia, 1987

FIGURA 185: Pirenópolis



Fonte: arquivo pessoal das autoras

FIGURA 186: Jaraguá



Fonte: INDUR, Goiânia, 1987